

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

15

天正十三年三月廿九日  
三月廿九日

# PRODÍGIOS E PRESSÁGIOS COMO MARCAS DA SOBRENATURALIDADE DE UM HERÓI PREDESTINADO: O CASO DE ALEXANDRE MAGNO

Por JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

*Professor da Universidade Aberta*

«La vie d'Alexandre, telle qu'on peut la trouver dans bien des livres et des récits qu'on raconte, fut, dès sa naissance même, liée à des prodiges qui venaient révéler à ceux qui étaient sages qu'un très puissant seigneur était venu au monde»

*Le roman d'Alexandre, I, Prologue, 3*

Na sua *Vida de Alexandre*, Plutarco tenta sintetizar «os aspectos mais relevantes»<sup>(1)</sup> da vida de Alexandre Magno, com o objectivo de descrever «os sinais caracterizadores»<sup>(2)</sup> da sua personalidade. É sintomático que para apreender e apontar esses «sinais caracterizadores» Plutarco se centre num conjunto de elementos que parece ter orientado a personalidade de Alexandre desde a infância até ao final da sua vida<sup>(3)</sup>. Aliás, o mesmo fazem outros biógrafos de Alexandre.

O discurso plutarquiano é particularmente marcado por esta concepção de *deisidaimonia*, «superstição»<sup>(4)</sup>, assumindo particular destaque as referências aos prodígios e presságios – presságio é um facto natural ao qual o deus providencial ou o seu *démon* confere um sentido premonitório – que acompanham a infância, a adolescência e a idade adulta de Alexandre e que funcionam como signos indeléveis, pré-inscritos *ab origine*, da sua personalidade sobrenatural, providencial, predestinada a grandes feitos.

Sobre os biógrafos de Alexandre, há que destacar os coevos, como Ptolomeu (o futuro senhor do Egípto e fundador da dinastia Lágida, cuja história das campanhas de Alexandre, de que foi testemunha presencial e, nalguns casos, protagonista, foi composta já em idade avançada, quando já era rei do Egípto), Calístenes de Olinto (370-327 a. C.; sobrinho – sem se saber, porém, em que grau – de Aristóteles, tutor de Alexandre na meninice e cronista oficial das expedições de Alexandre, até ao momento em que se incompatibilizaram), Nearco (comandante da frota de Alexandre no Índico, que escreveu um *Périplo*, em 312 a. C., mais tarde aproveitado por Arriano, Quinto Cúrcio e Estrabão), Anaximenes, Onesícrito, Policleta, Marsyas e Aristóbulo, todos, portanto, companheiros de Alexandre.

As *Efemérides Reais*, diário da campanha, sob a supervisão de Eumenes de Cardia e Diódoto de Eritras, foram também compostos por protagonistas da própria expedição. Também do séc. IV a. C., o historiador grego Clitarco escreveu um relato, *Sobre Alexandre (Peri Alexandrou)*, concluído em Alexandria, sob o reinado de Ptolomeu I Sóter (no qual se viriam a inspirar Diodoro e Quinto Cúrcio). No séc. I a. C., Cícero, no *De Diuinatione*, em que trata a adivinhação como uma impostura, inclui também algumas passagens sobre Alexandre Magno.

Do séc. I da nossa era são de enumerar Quinto Cúrcio Rufo (*Historiae Alexandri Magni Macedonis*) e Diodoro da Sicília (*Bibliotheké*); dos séculos I-II, Plutarco (46-120 d. C.; *Vida de Alexandre e Sobre a fortuna de Alexandre*) e Flávio Arriano Xenofonte (95-175 d. C.; *Anabasis de Alexandre*). O primeiro escreveu em latim, enquanto os outros redigem as suas obras em grego. Tito Lívio (*De Alexandris Magni fortuna aut virtute or. I et II*) e, no séc. III d. C., um certo Justino e o Pseudo-Calístenes (*Vida de Alexandre*) redigiram também obras em que integram episódios relativos a Alexandre Magno. Para muitos autores, Arriano é o melhor biógrafo de Alexandre Magno, mas também a *História de Alexandre*, de Ptolomeu, utilizada especialmente por Clitarco e Arriano, merece especial destaque.

Não obstante a consulta de fontes coevas dos acontecimentos (documentos da chancelaria real ou relatos de companheiros do rei), tais narrações cedem frequentemente lugar de destaque à mitologia criada ao redor da singularidade da figura do grande conquistador<sup>(5)</sup>.

Servindo-nos das fontes disponíveis (sobretudo Plutarco, Arriano e Quinto Cúrcio), analisemos esses elementos literário-míticos, particularmente as múltiplas referências a prodígios e presságios (favoráveis e desfavoráveis) sob o prisma da sua eventual e efectiva influência na conduta de Alexandre e na condução das suas políticas.

## I. As suas (pretensas) origens divinas

Alexandre era filho de Filipe II (383-336 a. C.), rei da Macedónia por usurpação, e brilhante governador e estratega<sup>(6)</sup>, e de Olímpíade (vulgo Olímpia), princesa do Epiro, filha do rei molossiano Neoptólemo<sup>(7)</sup>. Como diz Plutarco, «pelo lado paterno (...) era um Heraclida (...) e descendia de Éaco (...) pelo lado materno»<sup>(8)</sup>.

A ascendência genealógica que a lenda estabeleceu para Alexandre dá-o como descendente de Zeus por dupla via: por via paterna, é descendente de Hércules (filho de Zeus e de Alcmena) e, por via materna, é descendente de Éaco (filho de Zeus e de Egina)<sup>(9)</sup>. Dito de outra forma, além de descender de Hércules e Aquiles, dois seres de excepção do mundo mitológico grego, Alexandre era ainda «filho» de Zeus, o deus supremo dos Gregos, pai dos deuses e rei dos homens, senhor da Terra e do Olimpo.

Esta divina e heróica ascendência conferia-lhe, desde logo, uma aura de sobrenaturalidade que Alexandre terá assimilado, sobretudo por instigação de Olímpíade: «il sent bouilloner en lui le sang des héros, ses ancêtres»<sup>(10)</sup>. Hércules e Aquiles foram, com efeito, no plano prático, dois modelos para Alexandre, ele próprio um «filho de deus»<sup>(11)</sup>. Como Hércules, tinha um pai humano oficial e um pai divino, o verdadeiro. Como novo Aquiles estavam-lhe reservadas importantes proezas militares. Nos relatos lendários dos seus biógrafos, pelas suas (pretensas) origens divinas, Alexandre encarna todas as qualidades e defeitos de um herói épico; é um herói épico.

## II. Os sonhos de sua mãe e de seu pai

Segundo a descrição de Plutarco, na noite anterior às bodas de Filipe e Olímpíade, esta teve um sonho em que «após um trovão, um raio lhe caíra sobre o ventre, provocando um fogo intenso, cujas chamas se dispersaram em redor, até que se extinguiram»<sup>(12)</sup>. Filipe, por sua vez, algum tempo depois de casado, sonhou que «marcava o ventre de sua mulher com um selo, cujo relevo (...) era a figura de um leão»<sup>(13)</sup>.

Na interpretação dos adivinhos convocados para se expressarem sobre tão enigmáticos sonhos, tais visões tinham um significado simples e preciso: a rainha estava grávida e o fruto do seu ventre seria «tão corajoso e arrojado como um leão»<sup>(14)</sup>.

É o sinal da predestinação desde o ventre materno que qualquer herói que se preze, para mais descendente de tão ilustre estirpe,

deve denotar e que a literatura lhe fixa. Mais importante do que a verdade e a verosimilhança de tais traços, interessa tentar captar o seu alcance na definição dos caracteres do próprio menino-adolescente-homem herói Alexandre.

Na mesma linha de ideias deve equacionar-se a observação de Filipe II, em certa ocasião, de um dragão (eventual encarnação de uma divindade) deitado ao lado da mulher quando esta dormia<sup>(15)</sup>. Para Plutarco, o paulatino afastamento de Filipe em relação a sua mulher («o arrefecer o amor e a ternura de Filipe por Olímpíade»<sup>(16)</sup>) derivava directamente desta visão que o confundira: tratava-se de feitiçaria ou da encarnação de uma divindade?

De uma forma ou de outra, Filipe entendeu que se deveria manter distante da companhia da mística Olímpíade, vindo mesmo a divorciar-se dela, em 337 a. C.<sup>(17)</sup> Esta consagrava-se aos ritos órficos e aos desenfreados rituais dionisiacos<sup>(18)</sup>, sendo, segundo parece, uma fervorosa adepta de tais práticas, rodeando-se durante as suas danças, como diz Plutarco, «de grandes serpentes domesticadas»<sup>(19)</sup>. A narração completa de Plutarco diz textualmente: «Olímpíade, fervorosamente afecta a tais práticas fanáticas e entusiastas, e para as executar com o mais bárbaro temor, acostumou-se a rodear-se, durante as danças, de grandes serpentes domesticadas, que umas vezes rastejavam das heras, outras vezes se enroscavam em volta dos tirsos e das grinaldas das mulheres, provocando um espectáculo que os assistentes não observavam sem terror.»<sup>(20)</sup>

A figura de Olímpíade é quase sempre perspectivada pelos estudiosos de forma extremamente negativa, como demoníaca, malévola, assassina, pérfida, ciumenta, vingativa e cruel: «un monstre d'orgueil exalté»<sup>(21)</sup>. O único traço que a favorece é o da beleza: os seus contemporâneos, apesar dos ódios que suscitava, reconhecem-lhe, porém, essa qualidade. O único retrato que nos chegou dela (patente numa moeda de ouro, hoje arquivada no Museu Arqueológico de Tessalónica) não nos permite ajuizar convenientemente sobre essa eventual beleza física<sup>(22)</sup>.

Não obstante, há outro traço (positivo) da sua personalidade em que há também unanimidade: o seu amor, protecção e influência sobre Alexandre. Como mãe protectora terá certamente influenciado o filho em múltiplos aspectos. Esta influência tê-la-á manifestado, por exemplo, ao desenvolver em torno de Alexandre uma atmosfera de singularidade e sobrenaturalidade. Plutarco regista, citando Eratóstenes, que, aquando duma expedição de Alexandre, Olímpíade lhe teria revelado «o segredo do seu nascimento»<sup>(23)</sup> e o teria exortado «a mostrar sentimentos dignos da sua origem»<sup>(24)</sup>.

O que a mãe fez foi inculcar no jovem a noção da sua origem divina, em última instância como filho de Zeus. Alexandre acalentou tais ensinamentos, tomou consciência do princípio da ancestralidade divina e desenvolveu com a mãe, em consequência, uma relação de enorme proximidade e sintonia espiritual<sup>(25)</sup>.

Pela sua actuação político-militar, mais do que a ancestralidade terrena, é a ascendência supra-terrena que Alexandre reivindica e persegue. As ideias de predestinação e de sobrenaturalidade que as narrativas sobre Alexandre mencionam seriam, em parte, resultantes da educação familiar que recebera e ter-lhe-iam marcado indelevelmente o carácter. Em consequência, a sua futura actuação só poderia consistir na demonstração desses caracteres.

### III. Os eventos extraordinários ocorridos no dia do seu nascimento

Alexandre nasceu em Pela, na Macedónia, no 6º dia de Hecatombeon (mês a que os Macedónios chamavam Loos)<sup>(26)</sup>, no ano de 356 a. C., precisamente no mesmo dia em que ocorreu o incêndio no Templo de Ártemis (uma das sete maravilhas do mundo antigo), em Éfeso<sup>(27)</sup>. Como dizia Hegésias de Magnésia, citado por Plutarco, o incêndio ocorrera «quando Ártemis estava ocupada com o nascimento de Alexandre»<sup>(28)</sup>, ou seja, segundo a lenda, a deusa descurou a segurança do seu próprio santuário face à supervisão do parto de Alexandre<sup>(29)</sup>. Como diz Arriano, «parece que houve alguma mão divina presidindo ao nascimento e às suas acções [de Alexandre]»<sup>(30)</sup>.

A lenda avolumou a relação entre os eventos e desenvolveu explicações racionais para o ocorrido, desenvolvidas naturalmente *a posteriori*, vendo na destruição do templo um presságio de um mal maior: Alexandre seria fatal e demolidor para a Ásia. Tal como o fogo consumira o lugar sagrado, as suas campanhas varreriam os povos asiáticos<sup>(31)</sup>. As campanhas vitoriosas do macedónio e as consequentes derrotas dos povos inimigos eram, pois, inevitáveis. Estavam inscritas *ab origine* na ordem do mundo pela mão das divindades.

O mito sofre a concorrência de novos elementos quando o próprio Filipe II, após ter conquistado a Potideia, recebeu três mensagens ao mesmo tempo: 1) que Parménion, seu general<sup>(32)</sup>, tinha derrotado os Ilírios numa grande batalha; 2) que o seu cavalo de corrida vencera nos Jogos Olímpicos<sup>(33)</sup> e 3) que lhe nascera um filho. A conjugação extraordinária de tais sucessos era, segundo os adivinhos,

sinal de que a invencibilidade nunca se afastaria do invulgar recém-nascido<sup>(34)</sup>.

Uma lenda arménia sobre o nascimento de Alexandre amplia ainda mais este quadro e reza: «Nectanebo, o último rei do Egipto, foi a Pela e estabeleceu-se como adivinho. Quando Olímpíade estava sentindo as dores do parto, ele serviu-lhe de parteira, dizendo: “Dê à luz agora, ó rainha, e aquele que nascer será um conquistador do mundo”. Imediatamente Olímpíade gritou mais alto do que um touro e deu à luz um menino e quando o menino caiu no chão, houve um terramoto, trovões e relâmpagos frequentes, de forma que o mundo todo parecia tremer»<sup>(35)</sup>.

O *Romance de Alexandre* do Pseudo-Calístenes que marcará todo o período medieval dá grande ênfase à narrativa que estabelece esta artificiosa ligação linhagística entre o último faraó egípcio autóctone e o seu pretenso filho e de Olímpíade, que, entretanto, seduzira<sup>(36)</sup>. Nakhthorheb é apresentado com um sacerdote perito em artes mágicas e em prever o futuro por meio da lecanomania<sup>(37)</sup>. Teria seduzido Olímpíade, esposa de Filipe II, e seria, assim, o genitor (ignorado por Filipe II mas reconhecido por Olímpíade) de Alexandre, o Grande.

A tradição lendária que envolve o último faraó autóctone é-nos igualmente acessível através da *Crónica Demótica* (conjunto de oráculos obscuros e suas interpretações, datada do séc. III a. C.) e de um fragmento de papiro datado do séc. II a. C., traduzido de demótico para grego, o *Somnium Nectanebi*<sup>(38)</sup>.

Além da ênfase na singularidade do parto de Olímpíade, nos prodígios que o acompanharam (terramoto, trovões e relâmpagos) e na acção de grande conquistador do menino, a lenda estabelecia também uma significativa relação familiar entre Nectanebo II (Nakhthorheb, 359-341 a. C.)<sup>(39)</sup> e Alexandre, qual descendente e herdeiro do trono do Egipto, numa atitude de pretensa premonição em relação ao domínio do Egipto alcançado por Alexandre Magno.

O prólogo do *Romance de Alexandre* é elucidativo dos objectivos inerentes à elaboração da obra: «Enganam-se os muitos que afirmam que Alexandre foi filho do rei Filipe, pois isso não é verdade. Não era filho daquele, mas de Nectanebo, e dizem os mais sábios dos egípcios que o engendrou depois de haver perdido a sua dignidade régia»<sup>(40)</sup>. A lenda dá a Alexandre um (novo) pai. Deste modo, o soberano macedónico é a figura reincarnada de Nakhthorheb.

A genealogia dinástica que se pretende demonstrar nesta narrativa considera natural, legítima, a ocupação do trono egípcio por Alexandre, bem como a libertação do povo dos inimigos persas. A lenda

associa o momento anterior e imediatamente posterior ao domínio dos Aqueménidas. «Os últimos momentos do reino do Egipto»<sup>(41)</sup> que Nectanebo determinara por processos mágicos uniam-se, assim, ao regresso do faraó rejuvenescido<sup>(42)</sup>. O futuro rei surge, pois, simbolicamente estabelecendo a união entre Gregos e Egípcios (ou vice-versa), qual *Neos Sesogkuisis*<sup>(43)</sup> ou *Nectanebus rediuiuus*, concentrando em si todos os caracteres distintivos dos seus predecessores egípcios.

O nascimento do filho de Filipe II da Macedónia está, portanto, rodeado de factores extraordinários/excepcionais que, quais presságios, indiciam um comportamento de eleição para Alexandre: «o seu nascimento e a sua origem prefiguram já o seu carácter, a sua obra e o seu fulgurante destino»<sup>(44)</sup>.

#### IV. O domínio do cavalo Bucéfalo

A fabulosa excepcionalidade de Alexandre revela-se, particularmente bem, aos 12-13 anos, quando Filonico de Tessália propõe a Filipe II a venda por 13 talentos do cavalo Bucéfalo. «Manhoso e intratável»<sup>(45)</sup>, o cavalo não permite que ninguém o monte. Considerando o cavalo selvagem e indomável de mais, Filipe ordenou que o levassem. Alexandre não concordava com a ideia e várias vezes terá exclamado: «Que belo cavalo eles vão perder! Por falta de experiência e de energia não podem utilizá-lo!»<sup>(46)</sup>.

Considerando que era capaz de domar Bucéfalo, o cavalo negro com uma mancha branca na testa, Alexandre aceitou a aposta de seu pai que caso não o conseguisse pagaria os 13 talentos exigidos pelo vendedor. No meio de uma gargalhada geral de desconfiança nas suas possibilidades, «Alexandre imediatamente correu para o cavalo e, apoderando-se das rédeas, voltou-o na direcção do sol, ao que parece por se ter apercebido de que se assustava com a própria sombra, que se lhe projectava adiante e como que seguia os movimentos; então, fazendo-lhe festas carinhosamente, quando via que ele se tornava mais impetuoso e fogoso, tendo deixado cair suavemente a sua clâmide, com um salto ágil, montou-o com firmeza; pouco a pouco, foi puxando o freio com as rédeas, e dominou-o sem o ferir nem magoar. Depois, ao verificar que o cavalo já não oferecia perigo e estava impaciente por correr, deixou-o ir a toda a brida, estimulando-o com a sua voz já mais confiante e com os calcanhares»<sup>(47)</sup>.

O êxito e a tenacidade do jovem comoveram Filipe II e deram-lhe a dimensão exacta de quem tinha pela frente, pois, ao beijá-lo na



testa quando ele se apeou, disse-lhe: «Meu filho, procura um reino digno de ti, porque a Macedónia te é demasiado pequena»<sup>(48)</sup>. O episódio com Bucéfalo deixara perceber, segundo a lenda, o verdadeiro carisma de Alexandre: real e universal<sup>(49)</sup>.

O mesmo perceberam os embaixadores persas que com ele se reuniram em determinada ocasião, na ausência do pai. A afabilidade, inteligência e perspicácia que denotou (colocando questões, procurando informações, demonstrando conhecimentos, defendendo perspectivas) fizeram com que fosse encarado como um autêntico rei, com as virtudes e glórias típicas de um soberano<sup>(50)</sup>. No entanto, como diz André Bonnard, Alexandre «não aprendeu a domar a selvajaria das suas paixões tão bem como soube domar Bucéfalo»<sup>(51)</sup>.

## V. A educação recebida

Como não podia deixar de ser, para ser tão invulgar, Filipe II cuidou de providenciar uma instrução cuidada do ponto de vista literário, técnico e do treino físico, tendo confiado o seu filho a vários preceptores, professores e mestres, de que se destacam Leónidas («familiar de Olímpíade (...) pai adoptivo e preceptor de Alexandre»<sup>(52)</sup>), Lisímaco de Acarnânia<sup>(53)</sup> e Aristóteles de Estagira, o célebre filósofo grego, «o mais ilustre e erudito filósofo daquele tempo»<sup>(54)</sup>.

Os primeiros anos foram, porém, passados na companhia dos «pagens reais», rapazes das famílias aristocráticas que eram trazidos para a corte macedónica para efectuarem a sua educação. Alguns deles, como Ptolomeu, filho de Lagos, e Nearco (seu futuro almirante de frota), tornaram-se seus companheiros e oficiais de armas<sup>(55)</sup>.

De Aristóteles recebeu Alexandre ensinamentos de Moral, Política, Filosofia, Medicina, Retórica, Dialéctica, História, Geografia e Literatura<sup>(56)</sup>. Mas tais doutrinas não se circunscreveram à mera transmissão-aprendizagem de elementos banais e comuns. Entre os 13 e os 16 anos (343-340 a. C.), no Ninfeu, perto de Mieza, Alexandre trabalhou com Aristóteles «alguns ensinamentos secretos e mais profundos, a que os filósofos chamavam propriamente “acroáticos” e “epópticos”, e que não transmitiam a muitos outros»<sup>(57)</sup>.

Com Aristóteles trabalhou, portanto, matérias excepcionais, o que terá, certamente, reforçado os laços que os uniam e o apreço que dirigia ao Estagirita: «houve uma altura em que amou e estimou Aristóteles não menos, como costumava dizer, do que ao seu próprio pai, porque de um tinha recebido a vida, e com o outro tinha aprendi-

do a viver virtuosamente»<sup>(58)</sup>. Aristóteles inculcou-lhe o amor pela civilização helénica.

«Amigo das Letras e afeiçoado à leitura»<sup>(59)</sup>, Alexandre lia regularmente as grandes obras da literatura grega e adquiria, assim, uma cultura profundamente helénica. Já na Ásia, pediu ao amigo Hárpalo que lhe enviasse as tragédias de Eurípides, Sófocles e Ésquilo, bem como as obras de Filisto, os ditirambos de Telesto e Filóxeno. Lia também Píndaro<sup>(60)</sup> e Heródoto; apreciava os escritos filosóficos de Anaxarco, Xenócrates, Dandânis e Calano («o seu amor ardente e paixão pela filosofia eram inatos»<sup>(61)</sup>), além, naturalmente, das obras de Homero (sabia de cor alguns dos seus poemas), particularmente o seu livro preferido, a *Ilíada*<sup>(62)</sup>.

Segundo o testemunho de Plutarco, citando o de Onesícrito, Alexandre «considerava a *Ilíada* um tesouro da virtude militar»<sup>(63)</sup>. Ao seu exemplar da *Ilíada*, corrigido pelo próprio Aristóteles, colocava-o «sempre com a adaga debaixo do travesseiro»<sup>(64)</sup>. Alexandre tinha encontrado em Homero um arauto para passar à posteridade<sup>(65)</sup>.

Descendente de Aquiles pelo lado materno, apelidado de Aquiles por Lisímaco, tendo a *Ilíada* como obra favorita, não surpreende que Alexandre, eivado de patriotismo helénico, tivesse o herói grego em elevada estima e que, uma vez chegado a Ilíon, após atravessar o Helesponto, tivesse honrado a memória dos heróis gregos com libações (os heróis da guerra de Tróia eram os seus modelos), ungido o túmulo de Aquiles, depositado nele uma coroa e corrido ritualmente, nu, em seu redor, na companhia dos seus homens de armas<sup>(66)</sup>. Aquiles era o seu herói e os gestos simbólicos que realizou religavam-no magicamente ao herói da Guerra de Tróia<sup>(67)</sup>.

Para alguns autores, o desejo de fazer reviver as memórias da *Ilíada* através de uma aliança da Europa (mundo grego) contra a Ásia deve ser considerada no âmbito das razões que motivaram a travessia do Helesponto, a invasão da Ásia<sup>(68)</sup> e, acrescentamos nós, os sacrifícios rituais em Ilíon.

Tal como Aquiles tinha Pátroclo como grande companheiro de armas e amigo – «confidente de todos os seus segredos e que era o mais querido dos seus amigos»<sup>(69)</sup> –, Alexandre tinha em Heféstion (c. 356-324 a. C.), seu general, o seu grande amigo, a quem apelidava de seu Pátroclo<sup>(70)</sup>. Tal como Aquiles tinha o cavalo Balio, Alexandre tinha Bucéfalo. A expedição à Ásia encetada por Alexandre era uma nova guerra de Tróia.

Por tudo isto, pode afirmar-se que na infância e na juventude Alexandre contactou, directamente, com os modelos de valor e coragem

que o passado heróico-divino fornecera, elegendo o tipo de homem que a tradição estipulava como um modelo a imitar, na conduta e na *aretê*, na glória e na morte: Este «mundo de fantasia e de heroísmo» tornaram-no propenso a retomar os ideais antigos como seus<sup>(71)</sup>.

Talvez nesta observância do passado glorioso residisse a justificação para a afirmação frequentemente repetida por Alexandre de que preferia «viver uma curta vida de glória a uma longa vida de obscuridade»<sup>(72)</sup>, ou como disse falando às suas tropas, em 326 a.C., «é encantador viver com coragem e morrer deixando uma fama duradoura»<sup>(73)</sup>.

## VI. A consulta oracular de Delfos

De acordo com a lenda, o oráculo de Apolo em Delfos confirmaria a excepcionalidade do carácter de Alexandre e comprovaria muitos dos prodígios da sua concepção e infância. Com efeito, antes de atravessar o Helesponto como *hegemon* da Liga de Corinto<sup>(74)</sup> e desejando saber o que o esperava, apesar de ter chegado ao santuário de Delfos num dia ilícito para as consultas oraculares (dia aziago ou nefasto), forçou a pitonisa a exclamar, naturalmente com a sua aprovação e satisfação: «És invencível, meu filho!»<sup>(75)</sup>. Diz Plutarco que, «ao ouvir tal, Alexandre disse que já não carecia de outro vaticínio, pois tinha obtido dela a resposta desejada»<sup>(76)</sup>.

Era a mesma invencibilidade que os adivinhos tinham assegurado a Filipe II quando o menino nasceu. Os prodígios encaixam. A lenda é coerente. As suas vitoriosas campanhas por terras da Ásia Menor, Egipto e Ásia Central mais não seriam que a consagração do oráculo de Delfos, que, por sua vez, confirmava e afirmava toda a panóplia de eventos extraordinários que haviam caracterizado a sua existência até então.

## VII. O prodígio da estátua de Orfeu, em Libretos

No momento em que a expedição partia em direcção ao Helesponto, um outro prodígio teve lugar: «a estátua de Orfeu, em Libretos, que era de madeira de cipreste, transpirou profusamente»<sup>(77)</sup>. Aristandro interpretou o significado do prodígio, naturalmente benéfico para o rei da Macedónia: «Alexandre cometeria acções dignas de serem cantadas e divulgadas, o que custaria muito suor e trabalho aos poetas e músicos que quisessem celebrá-las»<sup>(78)</sup>.

A versão de Arriano é em tudo similar: «la estatua de Orfeo, hijo de Eagro el tracio, que estaba en Pieria, sudaba ininterrumpidamente. De este fenómeno cada adivino daba su propia interpretación; entre éstos, Aristandro, adivino de Telmiso, aconsejó a Alejandro tener confianza, porque aquello significaba claramente que para los poetas, tanto épicos como líricos, y cuantos componen odas, iba a ser una penosa tarea hacer composiciones y celebrar las hazañas de Alejandro.»<sup>(79)</sup>

Este prodígio da estátua de Orfeu encontra-se ao mesmo nível da descrição de Aristóxeno, nas suas *Memórias*, repetida por Plutarco, que nos retrata Alexandre como um indivíduo que exalava da sua pele «um odor extremamente agradável» e que «o hálito e o corpo eram de total fragrância, a ponto de perfumarem as roupas que vestia»<sup>(80)</sup>. A esta constituição física quente, apanágio dos deuses e dos heróis, atribui Plutarco também o comportamento ébrio e colérico de Alexandre<sup>(81)</sup>. Todo o seu ser e estar denotavam o seu carácter superior, heróico, excepcional.

### VIII. A fonte de Xanto, na Lícia

Depois da batalha de Granico, a partir de 334 a. C., cumprindo o projecto que o levava a deixar a Europa, Alexandre Magno prosseguiu a sua conquista das cidades helénicas da Ásia Menor, isto é, a sua libertação do jugo persa.

Ao se aproximar da cidade de Xanto, na Lícia, um novo prodígio marcou o seu avanço: de forma espontânea, uma fonte desatou a correr tão abundantemente que transbordou, cobrindo rapidamente os lados e expelindo uma placa de bronze na qual, em caracteres antigos, havia uma inscrição. Decifrada esta, descobriu-se que anunciava profeticamente que viria um tempo em que o império dos Persas seria destruído pelos Gregos<sup>(82)</sup>.

Quanto a Alexandre, «encorajado com esta profecia, continuou a submeter os locais marítimos da Fenícia e da Cilícia»<sup>(83)</sup>, ou seja, o rei considerou este acontecimento premonitório do sucesso da sua expedição e a maioria das cidades gregas da Ásia Menor encontrou uma razão suplementar para uma recepção entusiasta ao novo libertador: «a rapidez com que atravessou a Panfília deu a muitos historiadores matéria para descrição com tão alta admiração, como se se tratasse de uma graça divina, pois as ondas, que normalmente vêm rolando até à escarpa, quebravam os penhascos e afastavam-se rapidamente para permitir a passagem de Alexandre.»<sup>(84)</sup>

## IX. O cortar do nó em Górdio, na Frígia

Continuando a sua viagem de conquista-libertação, no Inverno de 334 a. C./Primavera de 333 a. C., Alexandre estacionou os seus homens em Górdio, antiga capital da Frígia. Aí uma antiga tradição fascinou e atraiu o supersticioso Alexandre: um velho carro real no palácio de Górdio e de seu filho Midas (o lendário rei que transformava em ouro tudo em que tocava) apresentava o varal preso com um só nó inacreditavelmente complicado, inextricável, que parecia não ter princípio nem fim, que ninguém conseguia desatar. O oráculo proclamava que quem fosse capaz de o desfazer «governaría en toda el Asia»<sup>(85)</sup> ou seria «dueño de Asia»<sup>(86)</sup>.

No relato de Quinto Cúrcio Rufo, aparentemente o carro não se distinguia de qualquer outro carro vulgar: «carro que, en cuanto a su aspecto externo, verdaderamente, no se diferenciaba de outros carros de menos valor y de uso común»<sup>(87)</sup>.

Existem várias versões da história, mas a que se tornou lendária, relata que Alexandre impaciente não conseguindo encontrar uma ponta, pegou na espada e cortou o nó de um só golpe: «Después de luchar en vano, durante mucho tiempo, con los inextricables nudos, dijo: “Poco importa la manera de cómo sean desatados”, y, cortando com sua espada todas las correas, burló la predicción del oráculo o le dio así cumplimiento»<sup>(88)</sup>.

A versão registada por Arriano é semelhante: «El nudo era de hilachas de cornejo, y parecía no tener principio ni fin. Alejandro, en vista de lo difícil que resultaba encontrar un modo de desatarlo y como, de otra parte, no podía consentir que quedara atado, no fuera a ser que ello influyera en el ánimo de sus hombres, cercenó – según dicen – el nudo con un golpe de su espada y exclamó: Ya está desatado!»<sup>(89)</sup>.

Embora a forma utilizada não fosse muito ortodoxa, o nó estava desfeito. O oráculo apenas estipulava o fim da operação, não mencionando nada sobre os meios a usar. Ademais, um sinal seguro de que a acção aparentemente impaciente de Alexandre fora apoiada e aprovada pelos deuses surgiu naquela mesma noite: trovões e relâmpagos no céu indicaram algo de prodigioso. Alexandre, no dia seguinte, seguro do seu futuro, sacrificou aos deuses que haviam manifestado estes positivos sinais pelo corte do nó<sup>(90)</sup>.

Como Quinto Cúrcio deixa entender, Alexandre desejou intimamente cumprir o vaticínio oracular: «Al oír, de boca de los habitantes del lugar, que existá el vaticinio de un oráculo según el cual llegaría a

ser dueño de Asia aquel que soltara aquel lazo inextricable, se apoderó del ánimo de Alejandro el deseo de dar cumplimiento al vaticinio»<sup>(91)</sup>. Arriano, por seu turno, diz que em Górdio «se apoderó de él un vivo deseo»<sup>(92)</sup>. O *póthos*, o forte desejo de cometer façanhas, é um sentimento característico da personalidade de Alexandre que os seus biógrafos não se cansaram de enfatizar.

O que parece certo é que Alexandre tomou à letra o que o oráculo prometia e, a partir daí, viveu na perspectiva de Górdio<sup>(93)</sup>. A batalha de Isso, as conquistas na costa fenícia e a chegada ao Egito foram, portanto, já realizadas sob esta aura de prometido futuro «governador de toda a Ásia». Tal confiança acrescentava-se à já sentida e vivida sensação de sobrenaturalidade e superioridade trazida da Macedónia que, por sua vez, os primeiros sucessos na Anatólia já haviam confirmado.

## X. A visita ao oráculo de Amon, em Siuah

A deslocação ao templo amoniano em pleno deserto líbico, no oásis de Siuah, em Novembro de 332 a. C., empreendimento perigoso que exigiu de Alexandre e dos seus homens coragem física e tenacidade devido ao deserto inóspito que era preciso atravessar, é narrada pelos historiadores antigos como uma confirmação/ratificação da índole que a educação e a lenda haviam criado em torno de Alexandre<sup>(94)</sup>. Na verdade, um sacerdote de Amon (equiparado a Zeus) chama-lhe, propositadamente ou por lapso, «filho de Amon»<sup>(95)</sup>. Tal proclamação oracular, como filho do supremo deus egípcio, fazia de Alexandre Magno, por direito, o legítimo sucessor/herdeiro dos faraós, conferindo-lhe, assim, poderes ilimitados em território egípcio.

Segundo os autores clássicos, a viagem de Alexandre a Siuah foi marcada por toda uma série de padecimentos/privações (cansaço, sede, calor), mas também de signos divinos em seu favor, nomeadamente o deflagrar de uma chuva torrencial em pleno deserto e a marcha guiada por duas serpentes<sup>(96)</sup>. Sobre o episódio das duas serpentes, Arriano registou a seguinte passagem: «O exército de Alexandre errava, sem rumo certo, com os guias numa dúvida completa sobre o melhor caminho a tomar. Ptolomeu, o filho de Lagos<sup>(97)</sup>, conta que apareceram duas serpentes que caminhavam à frente do exército, lançando os seus assobios. Alexandre ordenou que os guias as seguissem, quais divindades. As serpentes conduziram-nos até ao oráculo do deus e depois no caminho de regresso»<sup>(98)</sup>.

É possível ver nestas «duas serpentes» da narrativa de Arriano e das suas fontes as duas serpentes-*uraeus* que a mentalidade egípcia concebia como protectoras e símbolos do poder faraónico, presentes em inúmeros objectos artísticos e insígnias de poder. Ao guiarem Alexandre ao oráculo de Siuah (onde iria confirmar o seu título de faraó egípcio) e depois o seu regresso à antiga capital de entronização dos faraós, Mênfis, as duas serpentes surgem como uma sanção suplementar para o exercício do poder real pelo general macedónico<sup>(99)</sup>.

Na descrição de Quinto Cúrcio percebe-se que a decisão de consultar o oráculo de Amon-Júpiter era um desejo secreto há muito alimentado no íntimo de Alexandre: «(...) el espíritu de Alejandro se veía agujoneado por un deseo ingente de hacer una visita a Júpiter, del que, no contexto con su propia grandeza humana, creía o quería hacer creer que era el fundador de su estirpe».<sup>(100)</sup>

A viagem e a visita ao oráculo de Amon, em Siuah, corroborariam, portanto, a convicção de uma ancestral tradição divina, mítica e heróica, de Alexandre ou, melhor, foi assim que foram descritas, como um episódio significativo da construção dessa mitologia<sup>(101)</sup>. A narrativa faz-nos ver um rei macedónio que confere à expressão «filho de Amon» (corrente e típica na titulação faraónica, particularmente desde o Império Novo, sob múltiplas formas: *meri Amon*, «amado de Amon», *khenemet Amon*, «unido a Amon») um sentido totalmente literal: filho carnal, querido e amado, do grande deus egípcio, ou seja, assumindo integralmente a filiação de um deus, considerando a si mesmo como um deus. Acresce a este aspecto, obviamente ampliando-o, o facto de Alexandre permitir/autorizar que o tratassem por «filho de Zeus»<sup>(102)</sup>.

Em termos ideológicos, a assunção desta divindade em si próprio, é um extraordinário passo, naturalmente com repercussões nos seus actos. A consulta oracular de Siuah teve profundo impacto em Alexandre<sup>(103)</sup>. Além disso, os seus próprios acólitos souberam do oráculo que essa divindade do rei era aprovada por Amon-Júpiter: «[O rei] permitió a los amigos que también ellos hicieron sus consultas a Júpiter; ellos se contentaron con preguntar si le parecía bien al dios que rindieron honores divinos a su rey. El sacerdote respondió que también esto sería del agrado de Júpiter»<sup>(104)</sup>.

A principal filiação divina, física e moral, reivindicada e proclamada por Alexandre no Egipto é em relação ao deus Amon, proeminente divindade egípcia – sem dúvida, uma das mais importantes deidades do vasto panteão egípcio desde o Império Médio –, na altura o principal patrono do Egipto<sup>(105)</sup>. O deus adquirira um carácter multinacional,

transnacional, e era adorado em muitos lugares fora do próprio Egípto (a sua glória difundia-se até ao Eufrates e à Núbia).

Independentemente de ter sido ou não, em 331 a. C., coroado no trono de Ptah, em Mênfis, como soberano do Egípto (como menciona o Pseudo-Calístenes<sup>(106)</sup>), é, todavia, certo que: 1) Alexandre aí sacrificou ao touro Hep/Ápis (uma das mais importantes divindades desse local, como hipóstase do deus Ptah)<sup>(107)</sup>, 2) foi aí enterrado (só mais tarde o seu corpo embalsamado seria transferido para Alexandria<sup>(108)</sup>) e 3) foi proclamado como faraó legal do Egípto, recebendo em conformidade todos os nomes e títulos protocolares de um monarca egípcio<sup>(109)</sup>.

Mesmo que, na realidade, Alexandre nunca tenha usado efectivamente as insígnias de poder que a tradição faraónica e a iconografia lhe consagraram, consentiu, porém, na sua utilização ritual-simbólica, o que significa que procurou dessa forma melhor afirmar o seu papel político e o seu poder no Egípto. O mesmo é dizer que Alexandre Magno e os seus apoiantes tomaram consciência da importância que tais mecanismos tinham nas concepções políticas e mentais egípcias e que as usaram como vectores legitimadores da sua dominação conseguida objectivamente por invasão, pela «ponta da lança».

Auto-persuadido da sua origem e filiação divina<sup>(110)</sup>, Alexandre, concretizando, no fundo, vertentes anteriores presentes na sua educação, assume a sua condição divina como faraó egípcio. Em flagrante contraste com os odiados Persas, como não usava barba, surgia aos olhos dos egípcios mais como um deles do que propriamente como um estrangeiro<sup>(111)</sup>. Facilmente, passava por seu rei.

É com esta aura de deus escolhido e confirmado que parte à conquista do Império Aqueménida. Estimuladamente, o oráculo prometia-lhe torná-lo «dono e senhor da terra»<sup>(112)</sup>, ou seja, o império universal. O oráculo amoniano recebido no Egípto foi o acontecimento unificador dos vectores dispersos e soltos da sua vida. Mais: foi um momento re-fundador da sua existência; a sua vida ganha um novo sentido com a passagem pelo Egípto. Como diz Pierre Jouguet, o Egípto revelou a Alexandre «la majesté divine des rois orientaux»<sup>(113)</sup>.

Embora tenha permanecido pouco tempo na terra dos faraós, foi aí que Alexandre confirmou as suas profundas convicções pessoais de origem e filiação divina, invencibilidade e direito para aspirar ao império universal e vislumbrou todas as consequências políticas que poderia retirar das facetas sobrenaturais da sua existência. O Egípto foi o seu objectivo moral e estratégico. A sua influência foi forte e duradoura.



À medida que foi descobrindo o Oriente, Alexandre foi-se persuadindo de que estava a reencontrar o seu destino, isto é, o eco do ensino, da educação e das promessas que lhe tinham ministrado, enquanto jovem, na Macedónia e na sua rápida e bem sucedida expansão até, pelo menos, ao Egipto. Na narrativa memorável, mítica, traçada pelos seus biógrafos, as vitórias militares posteriores de Alexandre, com a conseqüente conquista do Império Aqueménida ao derrotar os Persas de Dario III Codomano e seus apoiantes, constituíram a materialização de elementos predestinadores e singulares da sua vida e personalidade.

## **XI. A fundação de Alexandria do Egipto**

A Alexandria do Egipto, a mais conhecida das cidades fundadas por Alexandre Magno com o seu nome, foi fundada em Janeiro de 331 a. C. na zona da antiga povoação egípcia de Rakotis, na embocadura ocidental do Nilo<sup>(114)</sup>.

O relato de Arriano sobre a fundação da cidade inicia-se com a menção explícita de que foi o próprio Alexandre quem fixou «los límites de la ciudad, el lugar donde había de alzarse el mercado, el perímetro de los muros y el número de templos y de dioses que en ellos se venerarían, incluyendo no solo a los griegos, sino también al egípcio Isis. Ofreció sacrificios a este fin y las víctimas le resultaron propicias»<sup>(115)</sup>.

Depois, Arriano dá mais detalhes sobre o processo de delimitação do traçado da cidade: «Quiso el próprio Alejandro señalar a los albañiles los límites de por dónde habían de alzarse las obras de fortificación, pero no tenía con qué marcar la señal sobre la tierra. A uno de los maestros de obra se le ocurrió hacerlo con la harina que los soldados transportaban en unos barriles, y dibujó con ella el contorno circular de la fortificación de la ciudad, precisamente por donde el rey había indicado que se hiciera. Reflexionando sobre esto los adivinos, especialmente Aristandro, el temisio, que ya en muchas ocasiones anteriores había interpretado a Alejandro con exactitud muchos otros augurios, vaticinaron que la nueva ciudad sería próspera por muchas razones, y en especial por su fertilidad en frutos de la tierra.»<sup>(116)</sup>

Por seu turno, o relato de Plutarco sobre a fundação da cidade explicita que a localização exacta foi sugerida a Alexandre «quando à noite, dormindo, teve uma visão maravilhosa» por um ancião de cabelos brancos (identificado como sendo Homero)<sup>(117)</sup> e que a marcação do traçado com farinha («servem-se da farinha e traçam sobre a terra

enegrecida uma área circular (...) de forma produzir a figura de uma clâmide (...)»<sup>(118)</sup> foi acompanhada pelo extraordinário presságio: «O Rei estava encantado com este plano, quando subitamente, vêm do rio [Nilo] e do lago [Mareóti] inúmeras aves, de toda a espécie e grandeza, que descem sobre o local, como nuvens, e não deixam nem rasto da farinha. Alexandre ficou perturbado com o presságio, mas os adivinhos aconselharam-no a ficar tranquilo»<sup>(119)</sup>.

Também Quinto Cúrcio Rufo se referiu ao bando de aves que se abateram sobre a «cidade» para devorarem a farinha: «Se cuenta que al señalar con la polenta el circuito sobre el que se habían de levantar las murallas, como acostumbran hacerlo los macedonios, una bandada de pájaros acudieron volando y comieron la polenta; y como la mayor parte interpretaron como fatídico aquel presagio, se dice que los adivinos respondieron que una gran muchedumbre de extranjeros vendría a habitar aquella ciudad y que ésta ofrecería alimento a muchos países.»<sup>(120)</sup>

Em todos os relatos atrás citados (e também no de Diodoro<sup>(121)</sup>) se verifica que o augúrio perturbou o próprio fundador, mas que os adivinhos o tranquilizaram com uma interpretação favorável: a nova cidade a implantar naquele local asseguraria «abundância» e alimentaria «habitantes vindos de todos os países do mundo»<sup>(122)</sup>. Os prodígios do momento da fundação de Alexandria, inscreviam-na assim, como o futuro mostraria e as «profecias» literárias *post-eventum* mencionavam, num destino excepcional de cidade predestinada<sup>(123)</sup>.

A fundação de Alexandria, naquele exacto lugar, em frente da ilha de Faro, em território do Egito, é descrita sob o signo de vários prodígios, desde o sonho inspirador ao voo devorador das aves, que pretendem demonstrar a excepcionalidade da escolha do lugar por Alexandre. Só um ser predestinado, visionário, *medium* de comunicação com os deuses e heróis, poderia *avant le temps* ter uma tão abrangente «percepção geográfico-histórica».

Para Alexandre Magno, surgir como fundador de uma cidade era um evento que se inscrevia na perspectiva heróica que o animava<sup>(124)</sup>. Era, no fundo, mais um sinal da excepcionalidade do rei macedónio. Foi isso que os relatos literários *post eventum* enfatizavam.

## **XII. A descoberta de fontes de água/petróleo nas margens do rio Oxo, na Bactriana**

Na sua imparável e vitoriosa marcha para Oriente, Alexandre Magno chegou com os seus homens às margens do rio Oxo, onde se

confrontou com um sério problema para a sobrevivência das suas hostes, a saber, a falta de água potável: «Después de tres días de marcha llegó al río Oxo. Éste, al transportar barro entre sus aguas, está siempre turbio y su agua no es potable. Por eso los soldados comenzaron a excavar pozos pero, a pesar de que las excavaciones eran profundas, el agua no aparecía; por fin se descubrió una fuente en la misma tienda del rey y puesto que habían tardado largo tiempo en descubrirla, hicieron correr la falsa noticia de que había surgido de repente y el mismo rey quiso que la tropa creyera que había sido un regalo de los dioses.»<sup>(125)</sup>

O relato de Quinto Cúrcio salienta a descoberta de uma fonte de água na tenda do próprio rei, embora duvide claramente do prodígio subjacente a tal evento. Já os outros cronistas aceitam a maravilha do acontecimento, embora com variações sobre a quantidade de fontes, a sua localização e o tipo de líquido encontrados: «Cerca de donde él había fijado su tienda en el campamento cercano al río Oxo brotaron dos manantiales cercanos entre sí: uno de agua y outro de una sustancia oleaginosa. Se dio conocimiento de este fenómeno a Tolomeo, el hijo de Lago, miembro de su guardia personal, quien fue anunciarlo a Alejandro. Ofreció éste un sacrificio ante este portentoso, según dispusieron los adivinos. Aristandro interpretó la fuente de aceite como indicio de futuros sufrimientos, pero ello apuntaba también a la victoria que tras algunos contratiempos sobrevendría.»<sup>(126)</sup>

Plutarco chega mesmo a dar o nome do responsável directo pela descoberta: «Um tal macedonio, chamado Próximo, ao escavar um local para a tenda do Rei, na margem do rio Oxo, descobriu uma fonte de um líquido espesso e viscoso; depois de esgotar a primeira camada, brotou um óleo puro e claro, que nem pelo cheiro nem pelo gosto parecia diferente do azeite, mas, pelo brilho e pela gordura, assemelhava-se-lhe inteiramente, muito embora naquela terra não houvesse oliveiras. (...). Em consequência, Alexandre ficou maravilhosamente agradado, como se deduz do que escreveu a Antípatro, ao situar este prodígio entre as maiores graças por ele recebidas do Céu. Os adivinhos interpretaram-no como sinal de uma expedição gloriosa, mas penosa e difícil, pois o óleo foi dado pela Divindade aos mortais como um bálsamo para as fadigas.»<sup>(127)</sup>

Embora todos os cronistas se refiram a este episódio, há significativas diferenças entre eles, sendo que Quinto Cúrcio é o menos crédulo de todos, mencionando explicitamente que a notícia de que a água surgira miraculosamente de repente era falsa<sup>(128)</sup>. Independentemente de a descoberta ter ocorrido na tenda do próprio rei (como referem as ver-

sões de Quinto Cúrcio e de Plutarco) ou perto dela (como em Arriano), de se tratar de fontes de água e/ou petróleo, o que é relevante é o destaque e a importância que tal acontecimento teve para a pessoa de Alexandre. A consulta oracular e as respostas dos adivinhos e consequentes sacrifícios, apesar da perspicaz descrença de Quinto Cúrcio, arrolam este prodígio como um presságio positivo para as vitórias e glórias que se avizinhavam na Bactriana e depois na Índia.

Todas as tribulações se justificavam face ao glorioso destino. Alexandre sabia-o e capitalizou-o, pelo menos a julgar pelo relato de Quinto Cúrcio: «el mismo rey quiso que la tropa creyera que había sido un regalo de los dioses».<sup>(129)</sup> A instrumentalização do prodígio pelo rei/ pelos adivinhos pretendia sustentar o mau-estar entre os soldados e reduzir as suas queixas ou, pelo menos, pelos resultados alcançados depois, a tornarem-nas injustificadas, desnecessárias. Qual profecia, o relato do prodigioso acontecimento é tratado literariamente de forma a dar consistência aos acontecimentos posteriores da saga alexandrina, entretanto já conhecidos dos biógrafos.

### **XIII. O sonho de Alexandre e a cura prodigiosa de Ptolomeu**

No decurso de um combate no reino de Sambo, com os Agrianos, alguns homens de Alexandre ficaram feridos, entre eles o seu amigo desde os tempos de infância, Ptolomeu<sup>(130)</sup>. Vejamos o relato que Quinto Cúrcio nos deixou:

«El rey estaba particularmente preocupado por Ptolomeo que, aunque herido sólo levemente en el brazo izquierdo, la verdad era que se encontraba en un peligro mayor que el que hacía presumir su herida.(...)»<sup>(131)</sup>

«Éste [o rei] montó vela ao lado de Ptolomeo, pero, agotado como estaba por la lucha y la preocupación, hizo que le trajeroan un lecho en el que descansar. En cuanto se tumbó en él, se sumió en un profundo sueño. Al despertarse, hizo saber que en sueños había tenido la visión de un dragón con una hierba en la boca que se la ofrecía indicándole que era un antidoto contra el veneno; recordaba incluso hasta el color de la hierba y afirmaba que la podría reconocer si alguien daba con ella. Muchos fueron los que se dedicaron a buscarla y, una vez encontrada, Alejandro la aplicó sobre la herida de Ptolomeo; inmediatamente el dolor desapareció y al poco tiempo la herida cicatrizó.»<sup>(132)</sup>

Uma vez mais, além da generosidade e bondade do rei macedónio, as referências enfatizam as suas qualidades de *medium* para captar as mensagens do mundo sobrenatural. Uma vez mais, o sonho é mencionado como processo de contacto com os entes sobrenaturais (recordemos os sonhos de Olímpíade, de Filipe II e o do próprio Alexandre aquando da localização exacta da cidade a fundar no Egipto). O «dragão» do sonho de Alexandre animal fabuloso que, em muitos casos, é uma serpente –, «escolhe» Alexandre para lhe transmitir o antídoto para os padecimentos de Ptolomeu que tanto preocupavam o filho de Olímpíade. Só a excepcional dimensão de Alexandre podia justificar este portento.

Diodoro diz mesmo que o dragão indicou a Alexandre o exacto local onde se encontrava a erva curativa<sup>(133)</sup>. Cícero voltará a dar credibilidade a este sonho e aos seus efeitos, acrescentando-lhe, todavia, com toda a verosimilhança, indicadores que a descrição de Cúrcio não denota: o «dragão» em causa, ligava Alexandre à mística mãe, Olímpíade, uma vez que ela criava e alimentava tais seres como entusiástica praticante dos ritos órficos e dionísicos, e a descoberta de tão miraculosa erva curativa serviu para tratar inúmeros soldados do exército feridos como Ptolomeu<sup>(134)</sup>.

O sonho de Alexandre e a cura de Ptolomeu/dos soldados demonstrava a protecção que o mundo sobrenatural e os seus entes exerciam sobre a vida de Alexandre. Fora assim desde a sua concepção, nascimento, infância e adolescência como príncipe e continuava agora como adulto e rei encarregue de tantos homens em marcha. Também este prodígio era uma marca da sobrenaturalidade de um herói predestinado desde o ventre materno.

\*  
\*       \*  
\*

A epopeia de Alexandre é, nas narrativas dos seus biógrafos, a saga de um herói em que a excepcionalidade da sua natureza e actuação são encaradas como reflexos da dimensão providencial que o caracteriza, onde genealogia, educação e protecção sobrenatural convergem e se interligam, em doses equilibradas, ao longo de toda a sua existência.

É preciso notar que alguns dos escritos sobre a aventura de Alexandre são posteriores, em pelo menos três séculos, aos acontecimentos narrados, embora pretensamente baseados em relatos coevos. São claramente *post eventum*, com uma clara percepção histórica do

desenrolar da vida, da mitologia e das criações de Alexandre. A lenda criada em torno da figura do conquistador depois da sua morte atravessa um pouco todos eles, de Diodoro ao Pseudo-Calístenes, passando por Arriano, Plutarco e Quinto Cúrcio, permitindo criar modelos e estabelecer paralelos.

Os prodígios e presságios que, amiudadas vezes, com as suas extensões oníricas, sacrificiais e adivinhatórias, polvilham os escritos dos historiadores constituem traços de uma natureza que a lenda desenvolvida pretende sobrenatural e predestinada. Mesmo quando duvidam da historicidade dos eventos ou da explicação mítica e mística que outros lhes atribuem, os escritores antigos exortaram à consideração da gesta do grande rei e acabaram por, directa ou indirectamente, alimentar a mitologia que, sob roupagens e cambiantes diversas, chegou até ao período moderno.

A excepcional epopeia europeia e asiática de Alexandre Magno, feita de energia e determinação e não menos sofrimento e desgaste, parece mais fácil de entender e aceitar à luz da portentosa estrela do actor principal ou não se tratasse de alguém claramente supersticioso que facilmente se perturbava quando os desígnios não eram favoráveis. É essa concepção de «homem do seu tempo» que, no fundo, sustenta as narrativas alexandrinas e que dá abundante matéria para o desenvolvimento e reactualização constante do mito.

## Notas

(1) Plutarco, 1.

(2) *Ibid*, 1.

(3) É preciso notar que os escritos de Plutarco tentam estabelecer paralelos entre as vidas dos grandes homens gregos e romanos dos séculos IV a. C. – II d. C.: «descrever “vidas” e não narrar “histórias”» (*Ibid*, 1). Daí a designação de *Vidas Paralelas* para os seus escritos – 22 biografias comparadas, mais quatro avulsas (Cf. Guy Rachtet, *Dictionnaire de la Civilisation Grecque*, Paris, Larousse, 1995, p.208).

(4) Cf. Paul Veyne, «Prodiges, divination et peur des dieux chez Plutarque» in *Revue de l'histoire des religions*, Tome 216, Fascicule 4, Octobre-Décembre, Paris, P. U. F., 1999, p. 389.

(5) Cf. Pierre Briant, *De la Grèce à l'Orient. Alexandre le Grand*, Paris, Gallimard, 1987, pp. 38, 39 e Cf. Claude Mossé e Annie Schnapp-Gourbeillon, *Síntese de história grega*, Porto, Edições Asa, 1994, p. 402.

(6) Terceiro filho do rei Amintas III e de Eurídice – Alexandre II (o irmão mais velho) morreu após curto reinado; sucedeu-lhe Perdicas III (o segundo filho de Amintas III) –, Filipe II assumira o governo da Macedónia como regente, por proclamação do exército, em 359 a. C., após neutralizar o legítimo soberano Amintas IV, seu sobrinho (filho de Perdicas III), que era menor. Em 356 a. C., tomou o título de rei – no mesmo ano em que

lhe nasceu Alexandre (Cf. C. Mossé e A. Schnapp-Gourbeillon, *Ob. Cit.*, p. 403; Peter Levi, *Grécia Berço do Ocidente*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, p. 176 e Guy Rachet, *Ob. Cit.*, 202). É sob o comando de Filipe II que a Macedónia começa a tomar lugar entre os mais importantes estados gregos, procedendo o rei à unificação de inúmeros pequenos principados em torno da capital Pela, reforçando assim a força da monarquia macedónica no contexto da Grécia. Foi Filipe II quem, em vinte anos (356-336 a. C.), transformou a Macedónia num grande estado, ampliando consideravelmente os seus limites geográficos. Até então, a Macedónia nunca fizera parte da Grécia. Filipe II foi o maior homem de estado e general do seu tempo. Foi, de facto, o fundador do poderio militar macedónico que seu filho iria usar para conquistar e helenizar o Médio Oriente (Cf. Pierre Briant, *Ob. Cit.*, pp. 14, 15 e H. D. Kitto, *Os Gregos*, 3ª ed., Coimbra, Arménio Amado Editora, 1990, p. 257).

(7) Olímpíade era, portanto, neta de Alquetas, rei da Molóssia, pai de Neoptólemo (filho mais velho) e de Arribas (filho mais novo) que, até à morte de Neoptólemo, em 340 a. C., governaram juntos. Era, pois, neta, sobrinha e filha de reis. Com Filipe, Olímpíade teve também uma filha, Cleópatra, que mais tarde se tornou rainha do Epiro (Cf. Diodoro, *Historical Library*, 16.91.4 e Peter Levi, *Ob. Cit.*, pp. 173, 176). Mitologicamente, Olímpíade reclamava-se descendente de Pirro, filho de Aquiles (Cf. Pierre Lévêque, *L'Aventure Grecque*, Paris, Armand Colin, 1964, p. 339).

(8) Plutarco, 2.

(9) Da união de Éaco com Endeis nasceu Peleu que, por sua vez, se uniu a Tétis e engendrou Aquiles. A Aquiles seguiu-se Neoptólemo, também chamado Pirro. Pausânias afirma que Alexandre era, de facto, «epirota e éacida pelo lado materno» (Pausânias, *Descrição da Grécia*, 1.9.8).

(10) Pierre Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 339.

(11) Da associação de Alexandre a Hércules é extremamente significativa uma cabeça (em mármore ?), com 24 cm de altura, datada do séc. IV a. C., criada ainda durante a vida do rei macedónico, intitulada «Alexandre Hércules» (peça nº 52.1741 do Museum of Fine Arts de Boston) que, como o próprio nome sugere, representa Alexandre à maneira do herói dórico Hércules. Em moedas, a sua imagem aparece com a pele do leão de Hércules, proclamando, assim, a sua relação com o herói mítico e a sua invulnerabilidade. Como se sabe, de acordo com o ciclo dos Doze Trabalhos de Hércules, no primeiro desses Trabalhos o herói estrangulou e esfolou o leão que devastava o vale de Nemeia, tendo feito da sua pele uma veste que o tornou, a partir de então, invulnerável (Cf. Georges Hacquard, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Porto, Edições Asa, 1996, p. 149).

(12) Plutarco, 2

(13) *Ibid*, 2.

(14) *Ibid*, 2. Alguns adivinhos interpretaram o sonho de Filipe como significando que deveria vigiar mais a sua mulher, ao passo que a explicação da gravidez de Olímpíade foi perfilhada sobretudo por Aristandro de Telmesso (Cf. *Ibid*, 2).

(15) Segundo o oráculo de Delfos, consultado por Quéron de Megara a pedido de Filipe II, o dragão era uma hipostase do deus Amon, que Filipe, a partir daí, devia honrar de forma particular. O oráculo anunciou ainda que o pai de Alexandre perderia a vista com que observara o dragão partilhando o leito de sua mulher (Cf. *Ibid*, 3). Filipe II veio, numa batalha, a perder o olho direito, como comprova o seu crânio encontrado no túmulo real de Vergina pelo arqueólogo grego Mandolis Andronikos.

(16) *Ibid*, 2.

(17) Filipe veio a casar com Cleópatra, sobrinha de Átalo, um poderoso nobre macedónico, de quem teve um filho (Europe). A lei macedónica permitia ao rei desposar quantas mulheres quisesse – Filipe desposou ainda mais quatro: Fila, Eurídice, Filina (mãe de Filipe Arrideu, o meio-irmão de Alexandre, débil mental, que lhe sobreviveu) e Nicéspole (Cf. *Ibid*, 77) –, mas apenas uma delas podia ser rainha. Olimpíade foi, assim, desapossada da sua condição de rainha, em detrimento de Cleópatra, atitude que Alexandre abominou, considerando-a indigna e humilhante para a sua mãe e para si. Colocou-se inteiramente do lado da mãe (que se exilou na corte do irmão, no Epiro), antagonizando-se seriamente com o pai ao ponto de se afastar para a Ilíria (Cf. *Ibid*, 9).

(18) O deus da fertilidade, filho de Zeus e de Sêmele (filha de Cadmo, rei de Tebas), Dioniso, cujo emblema era o falo erecto, era também um deus medicinal. As mulheres votadas ao seu culto eram as ninfas dionisiacas ou bacantes – daí a peça de Eurípides, *As Bacantes*, talvez o melhor documento sobre tal manifestação religiosa –, caracterizadas por entrarem em momentos de enorme excitação religiosa a que se seguiam momentos de intensa depressão. Às frenéticas danças, de violentos movimentos de cabeça e corpo e selvagens gritos e gemidos, acompanhadas por instrumentos musicais, sucedia-se um profundo silêncio que se tornou proverbial. Segundo a mitologia, tinha sido à frente de um cortejo de faunos ou sátiros, silenos e bacantes ou dríadas que Dioniso empreendera a lendária conquista da Índia, transmitindo aos homens os seus múltiplos conhecimentos (poesia, música, astronomia, agricultura). Sobre os ritos e êxtases dionisiacos na Época Arcaica Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume Cultura Grega*, 7ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 317-320. Olimpíade foi, inicialmente, sacerdotisa de Dodona (misterioso oráculo de Zeus, no noroeste da Grécia) e foi quando tomava parte nos Mistérios de Samotrácia, com 16 anos, que conheceu Filipe II da Macedónia (Cf. Plutarco, 2).

(19) *Ibid*, 2.

(20) *Ibid*. André Bonnard descreve a mãe de Alexandre como «a frenética Ménade epirota que o deus Dioniso possuía na embriaguez da música e no delírio da dança» (André Bonnard, *Civilização Grega. III. De Eurípides a Alexandria*, Lisboa, Estúdios Cor, 1972, p. 181).

(21) Expressão usada por Pierre Jouguet para caracterizar a representação que nos chegou da mãe de Alexandre (Cf. Pierre Jouguet, *L'impérialisme macédonien et l'hellénisation de l'Orient*, Paris, Éditions Albin Michel, 1972, p. 17).

(22) A figura reproduzida nesta moeda do III séc. a. C. mostra-nos uma cabeça de uma linda mulher grega, perfeitamente estilizada aos gostos da época, qual modelo, sem qualquer relevância para uma caracterização individual da mãe de Alexandre Magno.

(23) Plutarco, 3.

(24) *Ibid*, 3.

(25) Diz Plutarco que, depois de visitar o oráculo de Amon, em Siuah, no Egipto, em 332 a. C., e de ter ouvido os oráculos pronunciados pelo primeiro profeta de Amon, «o próprio Alexandre, numa carta a sua mãe, acrescenta ter obtido do oráculo alguns vaticínios secretos, que no regresso lhe comunicará só a ela» (*Ibid*, 27).

(26) O ano ático compreendia 12 meses lunares, alternadamente com 29 dias (meses *ocos*) e 30 dias (meses *plenos*), ou seja, um total de 354 dias. Em 432 a. C., com a reforma do calendário empreendida por Méton, estabeleceu-se que o ano se iniciava com o mês de Hecatômbeon, que começava com a lua nova mais próxima do solstício do Verão. Em termos de correspondência com os meses do nosso calendário, pode estabelecer-se a



seguinte relação: *Hecatômbeon* Julho; *Memactérion* Agosto; *Boedrómion* Setembro; *Metagítion* Outubro; *Pianépsion* Novembro; *Poseidon* Dezembro; *Gamélion* Janeiro; *Antestérion* Fevereiro; *Elafebólion* Março; *Muniquion* Abril; *Targélion* Maio e *Cirrofóron* Junho.

(27) O grande santuário de Éfeso ostentava 117 colunas, cada uma com mais de 18 metros de altura (Cf. Peter Levi, *Ob. Cit.*, p. 166).

(28) Plutarco, 3.

(29) Se dermos crédito ao testemunho de Plutarco, o nascimento de Alexandre teria ocorrido a 20 de Julho de 356 a. C.. Morreria a 10 de Junho de 323 a. C., com 32 anos, após cerca de treze anos de reinado. Vide também Arriano 28, 1.

(30) *Ibid.*, VII, 30, 2. Em contraponto com o momento do nascimento, também a morte de Alexandre, segundo Arriano, foi antecedida de uma série de presságios (*Ibid.*, VII, 24; 30, 2).

(31) Cf. Plutarco, 3.

(32) Parménion (400-330 a. C.) foi um dos generais de Filipe II. Mais tarde, tornou-se também imediato de Alexandre Magno, tendo comandado a ala esquerda nas batalhas de Isso (333 a. C.) e Gaugamela (331 a. C.) contra as forças persas de Dario III Codomano.

(33) É preciso notar que os Macedónios não tinham acesso aos Jogos Olímpicos e às outras festividades helénicas até que Filipe II forçou esse acesso.

(34) Cf. *Ibid.*, 3.

(35) APUD in Denis Wepman, *Alexandre, o Grande*, São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 10.

(36) Segundo o *Romance de Alexandre*, Nectanebo ter-se-ia assimilado ao deus Amon. Embora tivesse adoptado a forma de uma serpente ou de um dragão, manteve a pele suave e os chifres de carneiro, o animal-símbolo sagrado do grande deus de Tebas, no Egipto. Significa isto que, através de Nectanebo, Alexandre era filho de Amon (Cf. Marília Pulquério Futre Pinheiro, «A atracção pelo Egipto na literatura grega» in *Humanitas*, Vol. XLVIII Tomo I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Instituto de Estudos Clássicos, 1995, p. 458). É notável a gravura que acompanha a primeira edição impressa de uma versão francesa do *Romance de Alexandre*, datada de 1506, intitulada *Alexandre Le Grand*, onde, deitados numa cama de tipo medieval, se vêem a rainha Olímpíade, de coroa e seios desnudados, acariciada por Nectanebo sob a forma de um dragão (*Ibid.*, p. 458). Este pormenor do dragão do Pseudo-Calístenes confere com a versão de Plutarco (Cf. Plutarco, 2).

(37) A lecanomania consistia na adivinhação dos acontecimentos do futuro através da observação e interpretação do movimento da água num recipiente e nas diferentes formas nela produzidas por outros líquidos, como o azeite. Cf. Pseudo-Calístenes, *Romance de Alexandre*, I, 1-14.

(38) Cf. Marília P. F. Pinheiro, *Ob. Cit.*, p. 456.

(39) Nakhthorheb foi o último faraó autóctone. Subiu ao poder em 360 a. C. e foi afastado no decurso de 343 a. C., aquando da invasão do Egipto pelos Persas, sob o comando de Artaxerxes III Ocho.

(40) Pseudo-Calístenes, *Ob. Cit.*, I, 1.

(41) *Ibid.*, I, 3.

(42) Cf. *Ibid.*

<sup>(43)</sup> Alusão ao faraó Senusert (designado em grego Sesóstris) – que já Heródoto destaca (*História*, II, 107) – que para o Pseudo-Calístenes (*Romance de Sesoncósis*) funciona como predecessor espiritual de Alexandre (Cf. Marília P. F. Pinheiro, *Ob. Cit.*, pp. 454, 455, 457).

<sup>(44)</sup> André Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 180.

<sup>(45)</sup> Plutarco, 6.

<sup>(46)</sup> *Ibid*, 6.

<sup>(47)</sup> *Ibid*, 6.

<sup>(48)</sup> *Ibid*, 6.

<sup>(49)</sup> O fogoso Bucéfalo tornou-se um companheiro inseparável de Alexandre, tendo-o acompanhado em todas as suas conquistas, por cerca de 20 anos, vindo a morrer, em 326 a. C., no rio Hidaspes, afluente do Indo, no Punjab Ocidental, na Índia, onde o desgostoso Alexandre fundou a cidade de Bucefália em memória do seu amado cavalo: «Alexandre sofreu profundamente, como se tivesse perdido um familiar ou um amigo» (*Ibid*, 61. Cf. Arriano, V, 14, 19). O historiador romano Quinto Cúrcio, salientado o entrosamento existente entre cavaleiro e cavalo, diz que Bucéfalo baixava sempre a sua grande cabeça para ajudar Alexandre a montá-lo (Cf. Quinto Cúrcio, VI, 5, 18), enquanto Flávio Arriano menciona que o animal nunca permitiu que mais ninguém o montasse (Cf. Arriano, V, 19, 5, pp. 112). Roubado Bucéfalo ocasionalmente na Hircânia, Alexandre mandou um arauto avisar que o rei macedônio «mataria a todos, incluindo crianças e mulheres, se o cavalo lhe não fosse restituído» (Plutarco, 44). Quando tal aconteceu, perdeu a todos e «até pagou o resgate do cavalo aos que o tinham roubado» (*Ibid*, 44). O cavalo Bucéfalo surge representado no célebre mosaico romano (Casa de Fauno, Pompeia, Itália) – «Mosaico de Isso», apesar de não se saber ao certo se representa a Batalha de Isso (333 a. C.) ou a de Gaugamela (331 a. C.) –, hoje no Museu de Nápoles. Este vasto mosaico a quatro cores, provavelmente baseado na desaparecida pintura grega de Filóxeno de Éritras (de c. 300 a.C.), *Combate de Alexandre contra Dario*, reproduz uma cena da carga militar de Alexandre contra o centro do exército de Dario III Codomano (Cf. A. R. Burn, *As cidades rivais da Grécia. Das origens à conquista romana*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 119; J.M. Cook, *Os Gregos. Na Jónia e no Oriente*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971, p. 262, ilustrações nºs 45 e 46, e Walter Herwig-Schuchhardt, *Grécia*, Lisboa, Editorial Verbo, 1970, pp. 152,153). Também um detalhe do monumento escultórico *Alexandre em Batalha*, datado do III séc. a. C., hoje no Museo Archeologico Nazionale de Tarento, apresenta Alexandre golpeando um inimigo montado no Bucéfalo.

<sup>(50)</sup> Cf. Plutarco, 5.

<sup>(51)</sup> André Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 152.

<sup>(52)</sup> Plutarco, 5.

<sup>(53)</sup> Segundo Plutarco, era o pedagogo Lisímaco de Acarnânia que chamava a Alexandre Aquiles, reforçando dessa forma uma equiparação que também Olímpide proclamara ao filho (Cf. *Ibid*, 5). O pai de Alexandre, Filipe II, era apelidado de Peleu, nome do pai de Aquiles (Cf. *Ibid*, 5).

<sup>(54)</sup> *Ibid*, 7. O pai de Aristóteles, Nicómaco, era médico do rei Amintas III, pai de Filipe II.

<sup>(55)</sup> Cf. E. E. Rice, *Alexander the Great*, London, Sutton Publishing, 1997, p. 15.

<sup>(56)</sup> Cf. Plutarco, 7 e 8.

<sup>(57)</sup> *Ibid*, 7. Na época, Aristóteles não tinha ainda redigido as obras que o tornariam o grande pensador da Antiguidade que hoje se reconhece.

<sup>(58)</sup> *Ibid*, 8. «L'enfant écoute avec passion un maître qui sait tout» (Pierre Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 339). Não obstante este mútuo entendimento que se estabeleceu entre mestre e aluno, Aristóteles nunca manifestou a menor preferência ou simpatia pelo regime monárquico autoritário de Filipe II, mas nem por isso deixou de ser considerado em Atenas uma personagem suspeita devido às amizades que conservava na corte macedónica. Após a morte de Alexandre, teve mesmo de deixar Atenas, retirando-se para Cálcis, na Eubeia (onde viria a falecer), entregando a direcção do Liceu a Teofrasto, face ao ódio então dispensado aos Macedónios e seus amigos, mesmo os menos fervorosos (Cf. André Bonnard, *Ob. Cit.*, pp. 151, 153). Demóstenes acusou-o de ser partidário dos Macedónios e de *asebia*, «impiedade».

<sup>(59)</sup> Plutarco, 8.

<sup>(60)</sup> Aquando da destruição de Tebas, em 335 a. C., a família do poeta Píndaro, que Alexandre tanto admirava, foi das poucas a ser poupada (Cf. *Ibid*, 11; Cf. Dennis Wepman, *Ob. Cit.*, p. 35).

<sup>(61)</sup> Plutarco, 8.

<sup>(62)</sup> *Ibid*, 8. Cf. Maria Helena da Rocha Perreira, *Ob. Cit.*, pp. 150, 151. «Alexandre amava a *Iliada* até à loucura» (André Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 202).

<sup>(63)</sup> Plutarco, 8.

<sup>(64)</sup> *Ibid*, 8. Segundo André Bonnard, foi com Aristóteles que Alexandre aprendeu a amar a *Iliada* (Cf. André Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 152). Como diz Luís de Camões, confirmando a fama da admiração de Alexandre pelos poemas homéricos e fazendo eco da mitologia alexandrina: «Lia Alexandre a Homero de maneira/ Que sempre se lhe sabe à cabeceira» (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 96, 7-8).

<sup>(65)</sup> Cf. Arriano, I, 12. Segundo Plutarco, foi Homero que, em sonho, indicou expressamente a Alexandre o local onde se devia construir a cidade de Alexandria do Egipto (Cf. Plutarco, 26).

<sup>(66)</sup> Arriano, I, 11, 7-8; 12, 1.

<sup>(67)</sup> Cf. Maria Helena da Rocha Perreira, *Ob. Cit.*, p. 151, e Pierre Briant, *Ob. Cit.*, p. 35. Como o seu modelo, também Alexandre morreria na força da vida (32 anos de idade). A passagem do Helesponto ficaria assinalada por outros importantes sacrifícios realizados por Alexandre, a saber: a) Sacrifício no túmulo de Protesílaos, o primeiro herói grego a desembarcar na Ásia aquando da expedição de Agamémnon contra Tróia; b) Degola de um touro em honra de Poséidon; c) Libação deitada ao mar, com um copo de prata, em honra das Nereidas; d) Levantamento de altares em honra de Zeus protector dos que chegam a novas terras, de Atena e de Hércules (do lado da Europa: local de partida; e do lado da Ásia: local de desembarque); e) Sacrifício solene em honra da deusa Palas Atena, oferecendo ao templo a sua armadura completa e tomando as dedicadas à deusa desde a época da Guerra de Tróia; f) Sacrifício de desagravo a Príamo – morto por Neoptólemo, antepassado mítico de Alexandre, por via materna – com o objectivo de aplacar a ira de Príamo contra a linhagem de Neoptólemo, isto é, contra o próprio Alexandre (Cf. Arriano, I, 11).

<sup>(68)</sup> Cf. Pierre Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 343.

<sup>(69)</sup> Pierre Briant, *Ob. Cit.*, p. 38.

<sup>(70)</sup> Cf. Arriano, VII, 16, 8. Cf. também *Ibid.*, I, 12, 1. Heféstion era dos grandes amigos de Alexandre um dos poucos que aprovava os novos hábitos e actos do rei na Pérsia, designadamente o luxo e a superioridade que ostentava (Cf. Plutarco, 47). Quando Heféstion adoeceu e morreu em Ecbátana, Alexandre, entre outras medidas, em sinal de luto, mandou cortar as crinas de todos os cavalos e machos, retirar as ameias em todas as cidades dos arredores, proibir toda a música dentro do acampamento durante longo tempo (Cf. *Ibid.*, 72). Em «homenagem fúnebre a Heféstion», Alexandre subjugou os Cosseus e «deglouou-os todos, começando pelos mais jovens» (*Ibid.*, 72).

<sup>(71)</sup> Cf. Charles Freeman, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996, p. 258.

<sup>(72)</sup> Plutarco, 14.

<sup>(73)</sup> Arriano, V, 26,4. A tradução é nossa.

<sup>(74)</sup> Já Filipe II fora eleito *hegemon* (líder, chefe), pelo Conselho da Liga de Corinto e *strategos autokrator* (supremo comandante-em-chefe), de todas as forças da Liga na guerra contra os Persas (Cf. Dennis Wepman, *Ob. Cit.*, pp. 20, 21).

<sup>(75)</sup> Plutarco, 14.

<sup>(76)</sup> *Ibid.*

<sup>(77)</sup> *Ibid.*

<sup>(78)</sup> *Ibid.*

<sup>(79)</sup> Arriano, I, 11, 2.

<sup>(80)</sup> Plutarco, 4.

<sup>(81)</sup> *Ibid.*

<sup>(82)</sup> Cf. *Ibid.* 17.

<sup>(83)</sup> *Ibid.*

<sup>(84)</sup> *Ibid.*

<sup>(85)</sup> Arriano, II, 3. Plutarco diz que quem desfizesse o nó seria «Rei do Universo» (Plutarco, 18), sendo aqui o «Universo» o mundo conhecido a leste, isto é, a área abrangida na Ásia pelo Império Persa. Segundo a lenda, Górdio era um modesto camponês quando, por escolha divina, foi feito o primeiro rei da Frígia. O carro de bois em que se encontrava aquando da sua aclamação fora oferecido ao santuário de Júpiter e o nó que ligava o jugo do carro era de tendões de boi.

<sup>(86)</sup> Quinto Cúrcio, III, 1, 16.

<sup>(87)</sup> *Ibid.*, III, 1, 14.

<sup>(88)</sup> *Ibid.*, III, 1, 18.

<sup>(89)</sup> Arriano, II, 3,7

<sup>(90)</sup> Cf. *Ibid.*, II, 3,8. Ainda hoje a resolução de um problema difícil, de forma rápida e radical, é considerada como «cortar o nó górdio».

<sup>(91)</sup> Quinto Cúrcio, III, 1, 16.

<sup>(92)</sup> Arriano, II, 3,1.

<sup>(93)</sup> Cf. André Bonnard, *Ob. Cit.*, p.179.

<sup>(94)</sup> Siuah, situado a cerca de 300 Km a sul da actual Marsa Matrouh, era um conhecido centro religioso no mundo mediterrânico do séc. IV a. C. e a consulta oracular (que tinha provavelmente lugar no templo de Aghurmi, localizado a 4 km de Siuah), datada da XXVI dinastia faraónica, era bastante conceituada. Já em meados do séc. V a. C., o ateniense Címon se deslocara da Grécia até Siuah para consultar o oráculo. Alguns textos clássicos indicam que Alexandre manifestara o seu desejo de ser inumado no oásis de Siuah (Cf. P. Briant, «Alexandre et les Macédoniens» in *La Gloire d'Alexandrie*, p. 98).

<sup>(95)</sup> Plutarco, 27. O relato de Plutarco dá a entender que o sacerdote queria tratar Alexandre por *paidion*, «Meu filho», e não, como por lapso pronunciou, *paidios*, «Filho de deus = Amon». Uma pequena grande diferença que Alexandre capitalizou, de imediato, em proveito próprio. Arriano regista: «Após ouvir o que desejava [Alexandre], regressou ao Egípto (...) tomando o mesmo caminho da ida (...) para Mênfis» (Arriano, III, 4). Vide também Quinto Cúrcio, IV, 7, 25.

<sup>(96)</sup> Na versão de Quinto Cúrcio é um bando de corvos que guia a expedição até ao santuário de Amon (Cf. Quinto Cúrcio, IV, 7, 15). Arriano (III, 3, 5-6) e Plutarco (3) falam de duas serpentes a desempenhar esse papel. A versão de Aristóbulo, qual síntese das anteriores, alude a dois corvos

<sup>(97)</sup> Arriano afirma ter seguido a narrativa de Ptolomeu, filho de Lagos, ou seja, aquele que se tornou o primeiro dos Ptolomeus, Ptolomeu I Sóter I. No entanto, é hoje aceite que Arriano terá utilizado também nesta passagem informes fornecidos por Calístenes e por Clitarco.

<sup>(98)</sup> Arriano, III, 3. Na versão de Quinto Cúrcio, onde os «guias» são os corvos, diz-se: «Pasaron cuatro días en la inmensidad del desierto y ya se encontraban cerca del templo del oráculo, cuando una bandada de cuervos salieron al encuentro de la columna y, volando suavemente, se adelantaron a los estandartes de cabeza; unas veces se posaban en el suelo cuando la columna avanzaba con lentitud, otras alzaban el vuelo a modo de guías e indicadores de la ruta» (Quinto Cúrcio, IV, 7, 15).

<sup>(99)</sup> O simbolismo da presença das duas cobras-*uraeus* pode mesmo ser considerado um *topos* da literatura apologética tardo-egípcia, surgindo, por exemplo, no texto *O Sonho de Tanutamón*, alusivo ao último rei etíope da XXV dinastia que, aquando da sua subida ao trono de Kuch e do Egípto, em 663 a. C., sonhou com duas serpentes que pressagiaram e legitimaram também o seu domínio sobre o Egípto. Também Tanutamón seria coroado e reconhecido por Amon, «nesse mesmo ano» (Cf. José das Candeias Sales, *A ideologia real acádica e egípcia representações do poder político pré-clássico*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, pp. 166, 167, 170-172, 275-276).

<sup>(100)</sup> Quinto Cúrcio, IV, 7, 8.

<sup>(101)</sup> Cf. Pierre Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 339. Luciano (120-190), conferencista itinerante e prosador, «bárbaro» de língua e nascimento (Samósatos, Síria Comagena, no Alto Eufrates), considerado um dos mais perfeitos e conhecedores e estilistas da literatura helénica, dá-nos conta, nos *Diálogos dos Mortos*, da concepção que a posteridade tinha de todos estes vectores místicos na vida e na actuação de Alexandre Magno. No Diálogo XIII (entre Diógenes e Alexandre), uma vez falecido e chegado ao Mundo dos Mortos, Alexandre encontra o filósofo cínico Diógenes, que muito apreciava, que, surpreendido com a presença do rei da Macedónia naquele lugar, lhe diz: «Que é isso, ó Alexandre? Também tu morreste como nós todos (...). Então, Amon mentiu, quando disse que eras filho dele, e tu eras, portanto, filho de Filipe?» (Luciano, *Diálogos dos Mortos*, Introdução, Versão do grego e Notas de Américo da Costa Ramalho, Textos Clássicos 31, INIC/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1989, XIII, p. 55). Diógenes

(ou seja, Luciano) questionava, assim, a pretensa divindade e inerente imortalidade de Alexandre, ao que este, reconhecendo a importância que os elementos místicos haviam desempenhado na sua vida, nomeadamente os instigados por sua mãe, Olimpiade, responde: «Também eu ouvi o mesmo que tu, mas agora vejo que não havia nada de verdade naquilo que minha mãe e os profetas de Amon diziam» (Ibid, XIII, p. 55). A mesma ideia é glosada no Diálogo XIV, entre Filipe e Alexandre. O pai diz explicitamente ao filho: «Agora, ó Alexandre, não poderás negar que és meu filho, porque não terias morrido, se fosses filho de Amon» (Ibid, XIV, p. 58). Alexandre responde elucidativamente ao pai: «E eu também não ignorava, meu pai, que sou filho de Filipe, filho de Amintas, mas aceitei o oráculo, convencido de que era útil aos meus negócios» (Ibid, XIV, p. 58). Também o Diálogo XII, entre Alexandre, Aníbal, Minos e Cipião, confirma o destaque conferido pela Antiguidade, pelo menos neste caso por Luciano, ao parâmetro místico na vida e obra do grande conquistador. Aníbal (c. 247-183 a.C.), o general cartaginês, argumentando, em debate com Alexandre, as suas grandes conquistas militares e os motivos que faziam dele o «melhor general» da Antiguidade, menciona que fizera tudo «sem me chamar filho de Amon nem me fingir deus, nem descrevendo os sonhos de minha mãe» (Ibid, XII, pp. 51, 52), acusando, desta forma, Alexandre Magno de se ter socorrido destes expedientes para conseguir concretizar as suas proezas guerreiras. Estes *Diálogos* de Luciano são importantes relatos na medida em que nos testemunham o conjunto de traços da personalidade e da vida de Alexandre Magno que os seus contemporâneos e vindouros consideraram dignos de registo e que, agora, se rebatiam, dessacralizavam e desmistificavam de forma exemplar e, talvez, definitiva e radical: como mero mortal, Alexandre era colocado em pé de igualdade com todo e qualquer outro morto no mundo do Além.

<sup>(102)</sup> O sofista Anaxarco tratava-o directamente por «filho de Zeus» (Plutarco, 28). É preciso equacionar também que a tradição mítica elaborada em torno de Alexandre, que, designadamente, o relato do Pseudo-Calístenes fixou, tenta a todo o custo religá-lo, como vimos, magicamente, como filho, a Nectanebo II (o último faraó da XXX dinastia egípcia, autóctone, em egípcio Nakhtorheb), isto é, religá-lo às tradicionais dinastias egípcias (Cf. *Alexandre Le Grand*, Paris, Éditions du Félin, 1993, p. 42 e ss.).

<sup>(103)</sup> «Alexander visit to the oracle had a profound and lasting effect on him» (E. E. Rice, *Ob. Cit.*, p. 44).

<sup>(104)</sup> Quinto Cúrcio, IV, 7, 28-29.

<sup>(105)</sup> Daí que os Gregos o tenham assimilado ao seu principal deus, Zeus, na forma sincrética Zeus-Amon. Lembremos que já no séc. V a. C. Heródoto afirmara que «Amon é o nome que os Egípcios dão a Zeus» (Heródoto, II, 42).

<sup>(106)</sup> Pseudo-Calístenes, I, 34. Pierre Lévêque, por seu turno, afirma também explicitamente que «il coiffe la double couronne à Memphis» (P. Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 343).

<sup>(107)</sup> «Ele ofereceu um sacrifício aos deuses, em particular a Ápis, e celebrou certames gímnicos e musicais, a que concorreram os especialistas mais famosos da Grécia» (Arriano, III, 1).

<sup>(108)</sup> Cf. José das Candeias Sales, «Mênfis, a cidade do "Muro Branco": centro político-teológico do Egipto antigo» in *A Cidade Jornadas Inter e pluridisciplinares, Actas I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 35. Coube ao faraó Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) trasladar o corpo de Alexandre para o cemitério de Sema, situado na intersecção das duas principais ruas de Alexandria (Cf. Estrabão, XVII, 1, 8). O projecto inicial de Perdicas era que o corpo de Alexandre fosse inumado na necrópole real macedónica de Aigai.

<sup>(109)</sup> Sobre os títulos, epítetos, *regalia* ou atributos régios conferidos a Alexandre Magno no Egipto, Cf. José das Candeias Sales, «As campanhas de Alexandre Magno e a definição

de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a. C.» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade, II Série, nº 1. Regiões/ Identidade*, Abril, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 62-63.; Id., *Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005, pp. 139-142, 173-179. Vide também Arthur Weigall, *Alexandre Le Grand*, Paris, Payot, s. d., p. 264.

<sup>(110)</sup> «Tinha o ar de um homem fortemente convencido da sua origem e filiação divinas» (Plutarco, 27).

<sup>(111)</sup> Cf. A. Weigall, *Ob. Cit.*, p. 265. Enquanto, por exemplo, Artaxerxes III Ochos mata o touro Ápis/Hep de Mênfis e o carneiro Banebdjedet de Mendés, Alexandre Magno respeitara os animais sagrados dos Egípcios, em particular Ápis (Cf. Alain Charon, «Les Ptolémées et les animaux sacrés» in *La gloire d'Alexandrie*, Paris, Paris-Musées, 1998, pp. 192, 193). Em relação à negativa imagem dos Persas, é preciso considerar o papel desenvolvido pela propaganda grega interessada em elogiar as virtudes helénicas em detrimento da iniquidade persa.

<sup>(112)</sup> Quinto Cúrcio, IV, 7, 26.

<sup>(113)</sup> P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 300.

<sup>(114)</sup> Cf. Michel Chauveau, «Rhakôtis et la fondation d'Alexandrie» in *Égypte, Afrique & Orient*, nº 24, Centre Vaclusien d'Égyptologie, Villeneuve-les-Avignon, décembre 2001, pp. 13-16. Vide também José das Candeias Sales, «*Alexandria ad Aegyptum*. Protótipo de metrópole universal» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade, II Série, nº 5. O Imaginário da cidade*, Lisboa, Universidade Aberta, Dezembro 2003, pp. 83-105

<sup>(115)</sup> Arriano, III, 1, 5.

<sup>(116)</sup> *Ibid.*, III, 2, 1-2.

<sup>(117)</sup> Plutarco, 26. No Pseudo-Calístenes (*Romance de Alexandre*), o ancião que apareceu a Alexandre era o próprio deus Amon, e a visão teria ocorrido no santuário líbico de Siuah.

<sup>(118)</sup> *Ibid.*

<sup>(119)</sup> *Ibid.*

<sup>(120)</sup> Quinto Cúrcio, IV, 8,6.

<sup>(121)</sup> Diodoro, XVII, 52.

<sup>(122)</sup> Plutarco, 26.

<sup>(123)</sup> Entre os relatos antigos é, porém, notória uma importante discordância ou variação: enquanto Arriano e Plutarco colocam a fundação de Alexandria *antes* da visita de Alexandre ao oráculo de Siuah, Diodoro e Cúrcio colocam essa fundação *após* o regresso do conquistador do deserto (Cf. Peter Green, «Alexander's Alexandria» in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, p. 8). Os informes de Quinto Cúrcio dizem-nos ainda que as muralhas da cidade tinham um perímetro de 80 estádios, isto é, c. de 14.800 m (Quinto Cúrcio IV, 8, 2).

<sup>(124)</sup> Cf. Claude Mossé, *Alexandre. O destino de um mito*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2005, p. 33.

<sup>(125)</sup> *Ibid.*, VII, 10, 13-14.

<sup>(126)</sup> Arriano, IV, 15, 7-8.

<sup>(127)</sup> Plutarco, 57.

(128) Estrabão mencionará igualmente a descoberta da jazida de petróleo nas margens do rio Oxo (Cf. Estrabão, XI, 11,5).

(129) Quinto Cúrcio, VII, 10, 14.

(130) Embora o assunto envolva directamente o general Ptolomeu, futuro faraó do Egipto e cronista da expedição, é estranho que Arriano nada nos diga sobre ele; ele que utilizou os relatos de Ptolomeu como fonte da sua *Anabase*.

(131) Quinto Cúrcio, IX, 8, 22.

(132) *Ibid.*, IX, 8, 25-27.

(133) Diodoro, XVII, 103, 7.

(134) Cícero, *Diuin.*, II, 135. Cícero menciona também, como Diodoro, que o dragão indicou a Alexandre o local onde se encontrava a erva.

## Bibliografia

### Fontes

ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno. Libros I-III e IV-VIII (Índia)*, «Biblioteca Clásica Gredos, 49 e 50», Madrid, Editorial Gredos, 1982.

DIODORUS SICULUS, *The Library of History. Books XVI. 66-XVII* (trad. C. Bradford Welles), Loeb Classical Library, London, William Heinemann, Ltd, 1963.

HERÓDOTO, *L'Enquête. Livres I à IV* (Édition d'Andrée Barguet), Paris, Gallimard, 1985.

LUCIANO, *Diálogos dos Mortos* (Introdução, Versão do grego e Notas de Américo da Costa Ramalho), Textos Clássicos 31, Coimbra, INIC/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1989.

PAUSANIAS, *Description of Greece I-IV* (trad. e ed. W. H. Jones, H. A. Ormerod e R. E. Wycherley), London/ Cambridge, Mass Loeb, 1971-79.

PSEUDO-CALÍSTENES, *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia* (trad. Carlos García Gual), Madrid, Editorial Gredos, 1988.

\_\_\_\_\_, *Le roman d'Alexandre. La vie et les hauts faits d'Alexandre de Macédoine* (trad. Gilles Bounoure et Blandine Serret), Paris, Les Belles Lettres, 1992.

\_\_\_\_\_, *Le roman d'Alexandre. Vie d'Alexandre de Macédoine* (tradução e edição de Aline Tallet-Bonvalot), Paris, Flammarion, 1994.

PLUTARCO, *Vida de Alexandre* (tradução de Justino Mendes de Almeida) in Benoist-Méchin, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1980, pp. 289-364.

\_\_\_\_\_, *Vies parallèles*, Paris, Gallimard, 2001.

QUINTO CÚRCIO RUFO, *Historia de Alejandro Magno*, «Biblioteca Clásica Gredos, 96», Madrid, Editorial Gredos, 1986.

STRABON, *Voyage en Égypte Un regard romain*. Préface de Jean Yoyotte; trad. de Pascal Charvet; commentaires de J. Yoyotte et P. Charvet, Paris, Nil éditions, 1997.

VIDAL-NAQUET, Pierre, *Arrien, Histoire d'Alexandre. L'anabase d'Alexandre le Grand et l'Inde suivie de Flavius Arrien entre deux mondes*, Paris, Les Editions de Minuit, 1984.



### Obras gerais

- AAVV, *Alexandre Le Grand. Image et réalité*, Genève, Fondation Hardt, 1975.
- Alexandre le Grand. La vie légendaire*, Paris, Éditions du Félin, 1993.
- AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine, *L'Orient et la Grèce antique*, Paris, Quadrige/ PUF, 1953.
- BASLEZ, Marie-Françoise, *Histoire politique du monde grec antique*, 2<sup>a</sup> ed., Paris, Nathan Université, 1999.
- BENOIST-MÉCHIN, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1980.
- BERNARD, André, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994.
- , *Alexandrie des Ptolémées*, Paris, CNRS, 1995.
- , *Alexandrie la grande*, Paris, Hachette, 1996.
- BONNARD, André, *Civilização Grega. III. De Eurípidés a Alexandria*, Lisboa, Estúdios Cor, 1972.
- BRIANT, Pierre, *De la Grèce à l'Orient. Alexandre le Grand*, Paris, Gallimard, 1987.
- , *Alexandre le Grand*, Paris, PUF, 1994.
- BOWRA, C.M., *Grécia Clássica*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1965.
- BURN, A.R., *As cidades rivais da Grécia. Das origens à conquista romana*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972.
- COOK, J.M., *Os Gregos. Na Jónia e no Oriente*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971.
- DROYSEN, Gustave, *Alexandre Le Grand*, Bruxelles, Editions Complexe, 1991.
- DURAND, Matthieu de, *História abreviada da Grécia antiga*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993.
- EFFENTERRE, Henri van, *A Idade grega. 550 a 270 a. C.*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1979.
- FAURE, P., *La vie quotidienne des armées d'Alexandre*, Paris, Hachette, 1982.
- FRASER, P. M., *Ptolemaic Alexandria, Vol. 1*, Oxford, The Clarendon Press, 1972.
- FREEMAN, Charles, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996.
- FRYE, Richard, *A herança persa*, Lisboa, Editora Arcádia, s.d.
- GOUKOWSKY, Paul, *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (326-270 av. J.-C.) I. Les origines politiques*, Nancy, 1978.
- , *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (326-270 av. J.-C.) II. Alexandre et Dionysos*, Nancy, 1981.
- GREEN, Peter, *Alexander et Macedon (356-323 B.C.). A historical biography*, Berkeley/ Los Angeles, University of California Press, 1991.
- GRIMAL, Pierre, *A Mitologia Grega*, 2<sup>a</sup> ed., Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1989.
- , *Diccionario de Mitología Griega y Romana*, Barcelona, Paidós, 1994.
- HACQUARD, Georges, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Porto, Edições Asa, 1996.

- HATZELD, Jean, *História da Grécia antiga*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1977.
- JOUGUET, Pierre, *L'impérialisme macédonien et l'hellénisation de l'Orient*, Paris, Éditions Albin Michel, 1972.
- KITTO, H. D., *Os Gregos*, 3ª ed., Coimbra, Arménio Amado Editora, 1990.
- LÉVÊQUE, Pierre, *L'Aventure Grecque*, Paris, Armand Colin, 1964.
- , *O Mundo Helenístico*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- LEVI, Peter, *Grécia Berço do Ocidente*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991.
- MOSSÉ, Claude, *Alexandre. O destino de um mito*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2005.
- MOSSÉ, Claude e SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie, *Síntese de história grega*, Porto, Edições Asa, 1994.
- O'BRIEN, John Maxwell, *Alexander the Great. The Invisible Enemy. A Biography*, Londres, 1994.
- PÉDECH, Paul, *Historiens compagnons d'Alexandre. Callisthène. Onésicrite. Néarque. Ptolémée. Aristobule*, Paris, Édition Les Belles-Lettres, 1984.
- PETIT, Paul, *La civilisation hellénistique*, Paris, PUF, 1996.
- RACHET, Guy, *Dictionnaire de la Civilisation Grecque*, Paris, Larousse, 1995.
- RICE, E. E., *Alexander the Great*, London, Sutton Publishing, 1997.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume Cultura Grega*, 7ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SALES, José das Candeias, *A ideologia real acádica e egípcia representações do poder político pré-clássico*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997.
- , *Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a.C.)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005.
- SCHUCHHARDT, Walter-Herwig, *Grécia*, Lisboa, Editorial Verbo, 1970.
- WEIGALL, Arthur, *Alexandre Le Grand*, Paris, Payot, s.d.
- WEPMAN, Dennis, *Alexandre, o Grande*, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

## Artigos

- CARRATELLI, Giovanni Pugliese, «La "imitatio Alexandri" nel mondo romano» in *Roma e l'Egitto nell'Antichità Classica. Cairo, 6-9 Febbraio, 1989. Atti del I Congresso Internazionale Italo-Egiziano*, Roma, Libreria dello Stato, 1992, pp. 298-304.
- CHAPOT, V., «Alexandre, fondateur de villes» in *Mélanges Gustave Glotz*, Tome I, Paris, Presses Universitaires de France, 1932, pp. 173-181.
- CHARON, Alain, «Les Ptolémées et les animaux sacrés» in *La gloire d'Alexandrie*, Paris, Paris-Musées, 1998, pp. 192, 193.
- CHAUVEAU, Michel, «Rhakôtis et la fondation d'Alexandrie» in *Égypte, Afrique & Orient*, nº 24, Centre Vauclusien d'Égyptologie, Villeneuve-les-Avignon, décembre 2001, pp. 13-16.
- ERRINGTON, R. M., «Alexander in the Hellenistic World» in *Alexandre Le Grand. Image et réalité*, Genève, Fondation Hardt, 1975, pp. 171, 172; 211-213.

- FAVARD-MEEKS, Christine, «Le Delta égyptien et la mer jusqu'à la fondation d'Alexandrie» in *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo, Helmut Buske Verlag, 1989, pp. 39-63.
- GAUTHIER, Philippe, «Histoire grecque et monarchie» in *Les Monarchies* (Dir. Emmanuel Le Roy Ladurie), Paris, P. U. F., 1986, pp. 43-62.
- GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier, «Alejandría, la ciudad de las maravillas» in *Ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Ediciones Clásica, 1997, pp. 63-81.
- GREEN, Peter, «Alexander's Alexandria» in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, pp. 3-25.
- GRIMM, Günter, «City planning ?» in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, pp. 55-74.
- HERRENSCHMIDT, Clarisse, «L'empire perse achéménide» in *Le concept d'empire* (Dir. Maurice Duverger), Paris, P. U. F., 1980, pp. 69-102.
- LÉVÊQUE, Pierre, «Empire d'Alexandre et empires hellénistiques» in *Le concept d'empire* (Dir. Maurice Duverger), Paris, P. U. F., 1980, pp. 103-120.
- PETRULLO, Alfredo, «Siwa, l'oasis de Zeus-Amon» in *L'Égypte ancienne. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 45-47.
- PINHEIRO, Marília Pulquério Futre, «A atracção pelo Egipto na literatura grega» in *Humanitas*, Vol. XLVIII. Tomo I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/ Instituto de Estudos Clássicos, 1995, pp. 441-468).
- POLIGNAC, François de, «L'ombre d'Alexandrie» in *Alexandrie III<sup>e</sup> siècle av. J.-C. Tous les savoirs du monde ou le rêve d'universalité des Ptolémées*, Paris, Éditions Autrement, 1992, pp. 37-48.
- \_\_\_\_\_, «Une ville singulière» in *Alexandrie III<sup>e</sup> siècle av. J.-C. Tous les savoirs du monde ou le rêve d'universalité des Ptolémées*, Paris, Éditions Autrement, 1992, pp. 135-137.
- SADEK, Ashraf Iskander, «Alexandrie, fille de Rakotis et fruit des relations égypto-grecques» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n<sup>os</sup> 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, pp. 7-20.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, Pedro, «El ascenso de Macedonia y la unificación de Grecia» in *Cuadernos Historia 16*, n<sup>o</sup> 31, Madrid, Informacion y Revistas S. A., 1985, pp. 4-11.
- SALES, José das Candeias, «Mênfis, a cidade do "Muro Branco": centro político-teológico do Egipto antigo» in *A Cidade Jornadas Inter e pluridisciplinares, Actas I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 27-45.
- \_\_\_\_\_, «As campanhas de Alexandre Magno e a definição de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a.C.» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, n<sup>o</sup> 1. Regiões/ Identidade, Abril, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 62,63
- \_\_\_\_\_, «Alexandrea ad Aegyptum. Protótipo de metrópole universal» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, n<sup>o</sup> 5. O Imaginário da cidade, Lisboa, Universidade Aberta, Dezembro 2003, pp. 83-105
- SHOUCRI, Mounir, «Alexandrie hier et aujourd'hui» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n<sup>os</sup> 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, pp. 63-69.
- VEYNE, Paul, «Prodiges, divination et peur des dieux chez Plutarque» in *Revue de l'histoire des religions*, Tome 216, Fascicule 4, Octobre-Décembre, Paris, P. U. F., 1999, pp. 387-442.